



Código:

7

A relação entre dinheiro, preços e inflação é demasiado complexa e toda desentrelaçação será necessariamente incompleta. Estivéssemos diante de apenas um destes conceitos, como o dinheiro, por exemplo, já seria complexa, por dois motivos. O primeiro é porque nenhum fenômeno, por mais simples que seja, pode ser compreendido isoladamente. Ou seja, todo fenômeno social para ser apreendido intelectualmente precisa ser relacionado com outros fenômenos, relações, que por sua vez também são conceitos. Disto deriva que todo fenômeno precisa ser estudado dentro de uma realidade complexa. Mas isso não quer dizer que não possa ser apreendido e conceitualizado. Quer dizer que para isso é preciso método. E o método de investigação nas ciências sociais, por excelência, é o processo de abstração. Ele nos permite identificar distintas camadas ou níveis de abstração e análise, permitindo ou viabilizando a representação mental da complexidade do real. ~~Exemplo~~

É isso importa especificamente porque vemos diferentes formas de responder teoricamente a relação entre dinheiro, preços e inflação. E, na minha opinião, a principal diferença entre elas é a capacidade de explicar essas relações de forma totalizante. Quer dizer, é diferente dizer que uma abordagem é equivocada ou limitada, por ver apenas parte do fenômeno. Ao dizer que uma abordagem é limitada, está se dizendo e assumindo que ela explica PARTE do fenômeno, ou seja, que ela tem certa capacidade explicativa. Isso pode evoluir para um erro quando se considera que uma abordagem limitada explica tudo. Ou seja, transformar uma "verdade" parcial, numa "verdade" total estaria, aí sim, incorrendo num equívoco. É isso importa justamente para reconhecer a importância teórica de abordagens que ajudam pelo menos a explicar parte da realidade. Mesmo que essa parte seja tão aparente ou ligeiramente óbvia, pois partimos do suposto metodológico que a aparência é parte da realidade,

Código:

EM BRANCO



Código:

7

a aparência compõe a realidade e uma teoria que queira explicar a realidade deve conseguir explicar também a sua forma aparente. Diferenciamos, assim, de uma abordagem metodológica que opõe aparência e essência como mentira e verdade, ou como falsidade e verdade. Nesta abordagem que conduz a atual dissociação a aparência não é uma mentira, é parte que compõe a realidade e portanto teorias que ajudem a explicar partes aparentes da realidade podem sim contribuir, desde que não sejam ~~todas~~ interpretadas ou não se propõem a explicar toda a realidade, como acontece com a teoria quantitativa da moeda, por exemplo, ao afirmar que a inflação é sempre e em todo lugar resultado da oferta monetária. Neste caso, se está generalizando um fenômeno parcial, que já pode ter ocorrido em outros momentos históricos, ou em conjunturas muito específicas. O erro está na sua generalização, em tomar a parte pelo todo, erro que pode ser útil ideologicamente e daí derivar-se em justificações.

Todo esse preâmbulo metodológico é importante para esta dissertação pois fazemos um passeio pelas principais abordagens de nosso tema, partindo das mais simples e parciais tentando chegar às mais complexas que incorporam criticamente as explicações ou fenômenos descritos pelas abordagens mais simples. Esta dissertação se orienta pela hipótese de que a abordagem marxista nos oferece maior potência teórica metodológica para incorporar criticamente as demais e avançar em novos desdobramentos teóricos conforme seja exigido pela evolução da realidade social. A abordagem marxista nos permite compreender a inflação como fenômeno puramente monetário, como fenômeno de custos, como conflito distributivo, como estrutural ou até como processo de desvalorizações do trabalho humano, ~~como~~ ~~por~~ ~~isso~~. Ou seja, ela nos dá essa amplitude teórica

Folha nº

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

Código:

EM BRANCO



Código:

7

metodológica que é exigida por esta realidade complexa e diversa.

Há dois grandes paradigmas econômicos para explicar o nosso tema. Esses paradigmas divergem na forma como se propõe a explicar os preços. Começaremos a expor as abordagens que surgem do paradigma do valor utilidade, segundo o qual, os preços são determinados, em última instância, por curvas de utilidade dos consumidores em relação a determinado bem em relação com o custo marginal de produção determinado bem pelos empresários. Nesta perspectiva, o preço é definido nesta relação de oferta e demanda e o dinheiro serve apenas para expressar o preço numa unidade de conta e facilitar a transação, sendo esta última a sua origem, inclusive, o famoso "mito" do escambo.

Para facilitar a exposição desta abordagem e da seguinte utilizaremos a famosa equação de Fischer ($MV = PT$), consciente de que não é a expressão mais evoluída, mas que nos permite ser mais didáticos. Nesta abordagem neoclássica, da Teoria Quantitativa da Moeda (TQM), a velocidade da moeda (V) e a atividade econômica (T) são "mais ou menos" previsíveis e variam lentamente. Por isso a única influência sobre o preço (P) se dá pela quantidade ofertada de moeda (M). Esta, por sua vez, é controlada de forma exógena, pelas instituições que devem zelar para que ela não ultrapasse os limites determinados pela evolução de (V) e (T), para que não haja inflação. Daí a conclusão de que o dinheiro, sendo uma mera representação, um véu, só pode influenciar os preços de forma direta e proporcional. Não se ignora que Friedman complexificou esta abordagem separando efeitos de curto e de longo prazo, assim como também não ignoramos que os novos-clássicos, por meio do modelo IS/LM também enriqueceram esta abordagem. Mas o fundamental dela é que ao fim e ao cabo a política monetária é e deve ser ~~monetária~~

Folha nº: _____

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

Código: _____

EM BRANCO



Código:

7

~~neutra~~ De ~~contrário~~ neutra. Do contrário acabaria provocando profundos inflacionários.

Atentativa de Friedman ~~de~~ ~~de~~ ~~de~~ de salvar esta teoria admitindo que no curto prazo pode haver impactos na atividade econômica mas que seria momentânea, já que no ~~curto~~ longo prazo esta "elusão monetária" não permaneceria, demonstrando justamente os limites metodológicos desta teoria ao confundir níveis de abstração com temporalidades. Confusão esta que foi exacerbada com a frase de que no "longo prazo todos estamos mortos". Ao tentar salvar a teoria neoclássica, Friedman ~~revelou~~ ~~na verdade~~ na verdade revelou que se trata de uma teoria muito limitada que pode descrever um ou outro caso específico, mas que não se sustenta a não ser numa realidade onde todos "estão mortos", como muito bem disse Keynes.

Keynes, aliás, é o responsável pelas próximas duas abordagens a serem expostas. Ele parte do mesmo paradigma do valor que os neoclássicos e por um, só por um, vem na sua sequência, já que as conclusões teóricas e políticas que ele fornece são quase antagônicas à TQM. É talvez justamente por compartilhar da mesma teoria do valor, ou do mesmo paradigma, ele tenha sido o melhor crítico da TQM. Em sua crítica, Keynes demonstrou que o dinheiro não é neutro por que ele é reserva de valor e, como tal, as pessoas podem demandar moeda para se precaver de mortezas ou para apostar e especular com elas. Isto porque para Keynes a macroeconomia não é regida pela lei de Say e nem pela teoria dos fundos emprestáveis, mas sim pelo princípio da demanda efetiva e portanto pode haver pontos de "equilíbrio" subótimos, ou seja, ~~pode~~ a atividade econômica pode sim permanecer abaixo da sua capacidade instalada elevando níveis de ociosidade e desemprego acima do "natural", tal como definiram os neoclássicos. A política monetária e fiscal devem, nuns casos

EM BRANCO



Código:

7

serem usados para orientar as expectativas dos agentes e principalmente para estimular emprego, renda e oferta. Contra a acusação neoclássica de que isso geraria inflação, Keynes lembra de que está falando de situações em que o produto se encontra abaixo da sua capacidade, e de que há, portanto, recursos ociosos para serem utilizados.

Keynes lembra então que a moeda não é apenas um signo vazio, um vên, cujas funções seriam apenas fazer contas e facilitar trocos. Ela tem atributos menos aparentes que a transformam num ativo capaz de comandar relações de produção, de acumular ou de distribuir riqueza real. E por isso a sua oferta não é meramente ~~toda~~ exógena, mas também endógena, como ressaltam, muito bem, os pós-keynesianos estruturalistas. Os próprios agentes econômicos demandam moeda pois sabem que com ela podem criar riqueza nova. Essa demanda ~~por~~ endógena por moeda, para investir e lucrar é satisfeita pelos bancos privados que podem criar moeda fiduciária que é a principal forma da moeda hoje. E como os bancos também querem lucrar em prestam dinheiro ~~de~~ "novo" para esses agentes em troca de uma parte de seus lucros.

Assim, Keynes abusa a ciência econômica, principalmente no seu paradigma neoclássico para outras abordagens mais estruturais da inflação como a inflação de custos e de conflito distributivo que enriquecem enormemente o arsenal teórico das ciências econômicas. E ao mesmo tempo criou um grande problema para a teoria da valor utilidade: de onde vêm estes atributos da moeda? Até onde temos conhecimento, o próprio Keynes ou os pós-Keynesianos não se ~~preocuparam~~ ~~tudo~~ debateram satisfatoriamente sobre esta questão. A abordagem que tenta resolvê-la, e que tem conclusões políticas semelhantes, que vale mencionar

Folha nº: _____

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

Código: _____

EM BRANCO



Código:

7

pela sua contribuição em políticas econômicas e a neoclassicista. Para ela, ^{estes} atributos da moeda são derivados do Estado, quem originou e obteve o seu uso e suas formas. Para esta abordagem, a forma atualmente hegemônica do dinheiro, a forma fiduciária, liberou-o de suas restrições técnicas. Para ela a única restrição para a oferta monetária seria a própria inflação, afinal, dados todas as condições reais constantes, ampliar moeda sem resultar em capacidade produtiva nova, refletiria nos preços (essa verdade superficial e parcial tomada como verdade absoluta pelos neoclássicos). Para solucionar isso o neoclassicismo propõe uma política de emprego garantido que eliminaria o desemprego involuntário evitando possíveis oscilações de custo por parte da demanda. Ouseja, ao tentar criar uma teoria estatal do dinheiro, os neoclassicistas nos levaram ao problema do Estado, de que este também está inserido em relações sociais da qual ele mesmo deriva e que portanto o problema do pleno emprego e do câmbio (em ~~os~~ Estados periféricos, por ~~ex~~ exemplo) não se resolvem por falta de vontade ou de técnica, mas sim pelas relações sociais que a determinam.

O paradigma que nos permite completar essa viagem busca justamente dar conta dessa dimensão mais profunda (ou seria mais abstrata?) do dinheiro e de suas relações com os preços e a inflação. O paradigma do valor trabalho iniciado pelos clássicos e reformulado pela abordagem marxista nos permite enxergar o dinheiro de forma muito mais complexa como expressão das relações sociais de produção. P

Para Marx o dinheiro é socialmente determinado, logo na sociedade capitalista temo que debatê-lo na sua forma capitalista. E nesta ele não é somente medida de valor, ~~mas~~ ~~de~~ ~~valor~~, mas de pagamento e de entretenimento, ele é

Código: _____

EM BRANCO



Código:

7

a significação material (metálica, papel) e simbólica (um número no aplicativo do banco) da ~~riqueza~~ fonte de ~~riqueza~~ riqueza que é o ~~do~~ trabalho humano abstrato. É por essa significação adquire, de forma fetichizada, a capacidade de comandar inclusive aquilo que representa o próprio trabalho humano ~~abstrato~~. Essa concepção completa o elo que estava faltando na cadeia de mediações que estamos descrevendo desde o início com a TQM. Mas também coloca problemas novos, como compatibilizar a teoria do valor de Marx com os preços monetários, por meio do famoso problema da transformação abordado por Morely e por Shaikh. Mas principalmente nos fornece marcos teórico metodológicos que nos permite ver a relação entre dinheiro, preço e inflação na sua forma mais complexa e sofisticada possível.

Desde esta perspectiva, podemos dizer que a explicação monetarista explica uma parte do fenômeno, mas principalmente nos permite dizer tudo que ela não explica e porque apesar de sua limitação ela continue sendo hegemônica. Também permite ~~reconhecer~~ reconhecer e incorporar os instrumentos que a perspectiva keynesiana e principalmente pós-keynesiana ofereceram para compreender (e atuar) sobre a macroeconomia moderna, que permitem uma atualização das políticas de superação do subdesenvolvimento. Mas principalmente permitem pensar a evolução e o futuro do capitalismo como exemplificado na provocadora obra de Robert Kurz, "Dinheiro sem valor". Nela, Kurz nos faz pensar que o fetichismo do dinheiro, e a significação de relações sociais nele incorporadas que tão útil foi para a manutenção das relações sociais capitalistas podem estar levando ao seu final por meio de um processo secular de "desvalorização do valor", ou seja, com cada vez menos trabalho produtivo, social

Código:

EM BRANCO



Código:

7

mente útil, sendo comandado, a riqueza capitalista estaria cada vez mais suportada na expectativa de valorização futura. Cabe ao futuro dizer se essas valorizações de fato ocorrerão sob regimes de aprofundamento da exploração ou se darão lugar a novas formas de produção social.

EM BRANCO